



Por uma teologia para além dos muros da academia

Utilizando parábolas, descontraído, alegre e irreverente. Assim o Professor emérito da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE/ISI, de Belo Horizonte/MG, [João Batista Libânio](#), apresentou-se durante a Conferência: “**Novos desafios e tarefas para a Teologia na América Latina e Caribe hoje, a partir das contribuições do Congresso**”, no último dia do [Congresso Continental de Teologia](#), realizado ontem, 11, no anfiteatro Pe. Werner, na Unisinos.



“Estamos no mundo da relação”, segundo Dr. [João Batista Libânio](#). E completa: “Como disse [Torres Queiruga](#), ‘não temos respostas seguras’”. Segundo ele, para falar do futuro, temos que conhecer o passado. “Para prever o futuro, temos que conhecer o passado. O primeiro olhar para o passado deve ser positivo, vemos o que fizemos de bom no passado para manter e depois, sim, ver o lado negativo.”

Teologia da Libertação

“O que poderia dizer sobre a [Teologia da Libertação](#)? Ela nasce no momento em que duas correntes se cruzaram, encontraram; uma libertária, que o **Concílio Vaticano II** produziu - sem esse clima de liberdade, dificilmente nasceria a

Teologia da Libertação. Foi um clima que nos deu a possibilidade de ser livres. Sem a liberdade, não podemos pensar e esse clima trouxe para a igreja a possibilidade de fazer coisas novas”, frisa.

A outra seria, segundo [Libânio](#), o fato de que antes do golpe militar existia uma grande efervescência da juventude. “Esse clima criou um ambiente de mobilidade política, uma coisa quase escandalosa. **Fernando Henrique Cardoso**, exilado no **Chile**, escreveu o livro sobre a Teoria da Dependência. O desenvolvimentismo não era a solução, mas a libertação”, pontua. Nós estávamos num clima apropriado para a Teologia da Libertação. “[Gustavo Gutiérrez](#) foi o pai desta teologia e avô dessa geração mais jovem”, acrescenta.

Liberdade

Para interpretar, segundo [Libânio](#), não devemos abrir mão da liberdade hermenêutica. “Os textos existem, mas nós devemos interpretá-los. A condição humana de pensar é interpretar. O absoluto é apenas **Deus** e, para [Jon Sobrino](#), o coabsoluto são os pobres, mas a partir de nossa interpretação”, esclarece.

“Nós somos os marinheiros que estamos em um navio. Há uma ilha demasiado perigosa, onde estão as sereias muito bonitas que cantam o tempo todo.” Para [Libânio](#), essas sereias seriam a **Renovação Carismática** – que fazem uma encenação, com louvores, cantos, mas depois não há uma reflexão crítica e nem prática social. Segundo ele, “devemos seguir o Jesus histórico, que optou pelos pobres”.

Tipos de pobreza

A primeira tarefa da [Teologia da Libertação](#) foi mencionada muitas vezes aqui: “a opção pelos pobres”, mas cada vez mais eles aumentam e se diversificam. “E essa diversidade é que há um pobre da natureza, sempre esquecemos disso.” Além desse tipo de pobreza, [Libânio](#) cita outros, como o pobre que nasce do sistema capitalista. “Outro é o da sociedade do conhecimento, que são aqueles que não têm acesso a esse mundo da comunicação, onde não chega a comunicação internacional, os satélites. Então, eles estão fora, foram excluídos de todo esse mundo do conhecimento. E isso é terrível.” Outra pobreza, para o conferencista, é a dos imigrantes. “Uma coisa que os jesuítas fazem muito bem é ajudar os que não têm cidadania, que vivem sem documentos etc. Além desses, há o ‘outro’ religioso. Muitos que são rejeitados porque tem uma fé, religião, às vezes cristã também, e outros de outras religiões.”

Outra compreensão de sociedade

O núcleo da **Teologia da Libertação**, segundo [Libânio](#), é passar outra compreensão da sociedade. “A sociedade do conhecimento criou classes diferentes.” [Libânio](#) cita três delas:

- Os que vão produzir o conhecimento. Esses serão a elite como a **Microsoft** e todos os “softs” do mundo. Eles são os que realmente terão força;
- Os que administram essas coisas, ou seja, os que vão gerenciar o conhecimento;
- Os excluídos.

Agora, como entra a teologia nesse mundo? “Devemos produzir conhecimento que ajude as pessoas a encontrar sentido para a sua vida, como disse [Queiruga](#) ontem”, frisa [Libânio](#). Para ele, a nossa teologia de livros não vai alcançar muita coisa. “Como vejo a possibilidade da teologia dialogar com a ciência e para onde estamos caminhando?”, questiona, ao analisar que a biotecnologia e a informática serão os dois desafios da humanidade.

Segundo [João Batista Libânio](#), devemos nos comprometer com a práxis, com a transformação das pessoas, “sem isso para mim não há evangelização”. E acrescenta: “Talvez o novo paradigma seja uma categoria que se infiltrou para todos os lados. Podemos falar de um novo paradigma da [Teologia da Libertação](#), que não é apenas marxista. Apenas os ignorantes pensam assim”.

Tipos de conhecimento

Para [Libânio](#), há vários tipos de conhecimento. “O primeiro é gradativo, em que exigimos dos alunos que saibam reproduzir o conhecimento de alguém. Esse é o conhecimento de graduação. No Mestrado, posso ler dois ou três livros e organizo as ideias. Já no Doutorado, leem-se integralmente os textos de um determinado autor e descobre-se uma chave que nem mesmo o autor sabia. A partir dessa chave, organiza o seu pensamento. Isso é doutoral e a academia termina aí, porque o pós-doutorado é ainda pior...”

Para o estudioso, a [Teologia da Libertação](#) é outra. “Acredito que é pensamento heurístico, que é aquele pensamento que depois de conhecer e ler um autor, começasse a pensar.” E exemplifica: “Depois que leio [Heidegger](#), começo a pensar e talvez isso me acorde a ir falar com a senhora do apostolado da oração. Acho que essa é a teologia que devemos fazer na **América Latina**. E não a da academia”.

Relacionamento

“Nós da **Teologia da Libertação** devemos falar com muito mais liberdade e acredito que [Leonardo Boff](#) faz bem isso. Há uma frase: ‘pensar é relacionar’. Portanto, acredito que o futuro da Teologia da Libertação é fazer relacionamentos”, pondera, ao avaliar que devemos recuperar o Jesus do evangelho. “Isso é fundamental.”

Para [Libânio](#), quando se pensa na estruturação da **Igreja Católica**, pensa-se em três coisas: “doutrina, ensinamentos e as disciplinas”. E completa: “Penso que o futuro caminha na direção da comunidade”.

Debate

Durante o momento de responder as perguntas, [Libânio](#) responde, em um dos questionamentos sobre o papel da mulher na teologia, que “quanto mais mulheres fizerem teologia, melhor, porque mais aprenderemos; quanto mais plural for a teologia, mais aprenderemos todos”.

[Libânio](#) termina a Conferência contando uma história para a plateia: “Existem dois tipos de comunhão. Aquela em que eu convido amigos para comerem uma torta e preparo tudo. Então, todos comem e saem felizes”. A outra, “é quando convido todos os meus amigos, e cada traz uma coisa; um liga o fogo, outro faz outra coisa e todos saem felizes. Essa é a outra comunhão, em que cada um tem um dedo no processo”.

Quem é João Batista Libânio?

[João Batista Libânio](#) nasceu em Belo Horizonte, em 1932. É padre jesuíta, escritor e teólogo brasileiro. Ensina na **Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (ISI – FAJE)** em Belo Horizonte, e é vigário da paróquia **Nossa Senhora de Lourdes**, em Vespasiano, na Grande Belo Horizonte. Fez seus estudos de Filosofia na Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo-RJ e cursou em Letras Neolatinas, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Seus estudos de teologia sistemática foram efetuados na **Hochschule Sankt Georgen**, em Frankfurt, Alemanha, onde estudou com os maiores nomes da teologia europeia. Seu mestrado e doutorado (1968) em teologia foram obtidos na Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG) de Roma.

É autor de cerca de 125 livros, dos quais 36 de autoria própria e os demais em colaboração com outros autores, alguns editados em outras línguas. Além disso, possui mais de 40 artigos publicados em periódicos especializados, e inúmeros artigos em jornais e revistas.

A revista **IHU On-Line**, no. 394 sob o título [J.B. Libanio. A trajetória de um teólogo brasileiro. Testemunhos](#), reflete sobre a obra do jesuíta.

A reportagem é de **Thamiris Magalhães** Foto: **Wagner Altes**